

O LABORATÓRIO NO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA: COERÊNCIA ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Catarina Helena KNYCHALA. Instituto Nacional do Livro. Brasília, D.F.

Discussão, baseada numa análise da literatura, do conceito de laboratório no ensino da Biblioteconomia, desde um ponto de vista teórico e prático. Análise das condições requeridas em função dos objetivos específicos e da metodologia da disciplina.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de laboratório está estreitamente ligado à resolução de problemas oriundos da dissociação entre teoria e prática. Portanto, um trabalho sobre laboratório deve ser introduzido com um estudo sobre a questão teoria x prática.

1.1 Teoria ou prática?

Existe realmente um conflito, na filosofia da educação, entre o enfoque teórico e o prático no método de ensino, conflito antigo, que vem desde Platão, que era a favor do conhecimento teórico, ao menos para pessoas acima dos trinta anos.

Todas as pessoas ligadas à educação profissional, no entanto, estão de acordo em que tanto a teoria como o trabalho prático são fatores indispensáveis na formação profissional. O que se discute, ainda, é em que medida deve ser adotado um e outro método.

1.2 Mais teoria ou mais prática?

A importância maior ou menor dada à teoria ou à prática e os métodos empregados variam conforme a época e os lugares, de acordo com as circunstâncias atuais e locais.

No início do desenvolvimento da preparação profissional de bibliotecários, quando a preocupação maior era o desenvolvimento de métodos para o tratamento do material impresso e a preparação de pessoal capacitado para realizar tarefas profissionais específicas, todas as escolas se empenhavam mais no ensino das práticas do momento, chegando ao exagero de oferecer a maior parte da instrução nas bibliotecas e não nas escolas, como observou Danton em 1949. (8: 25)

Na Escola de Biblioteconomia de Columbia, nos treinamentos formais, iniciados em 1887, era imperativo o trabalho de laboratório. Em 1898, em um estudo sobre o crescimento do trabalho de laboratório na Escola de Biblioteconomia da Universidade de Illinois, Katherine L. Sharp explicou que esse termo, *laboratory work*, foi adotado desde a anexação da Escola à Universidade. Antigamente, esse trabalho era dado como bem se entendia e tinha um caráter de verdadeira miscelânea, faltando-lhe sistematização e não trazendo nenhum resultado satisfatório. "Agora, observou ela, são determinadas as horas para o laboratório regular, determinado trabalho é distribuído antecipadamente, e"

designado um instrutor: o atraso na instalação ou a falta do laboratório é tão sério como a falta da prova oral" (1: 63-6)

No Comitê para Treinamento Bibliotecário, em 1903, foi observado que as escolas de biblioteconomia dos EUA variavam consideravelmente o tempo dedicado ao trabalho prático, como se pode constatar pelos exemplos abaixo:

Illinois University: 260 h no *Junior year* e 330 h no *Senior year*; Pratt Institute: 468 h no *Junior* e 132 h no *Senior*; Drexel Institute: 60 h no *Junior* e 180 h no *Senior*; Chicago University: dois anos de aprendizado na biblioteca universitária. (56: 110)

Como vemos, a variação, para o *Junior*, foi de 60 h no Drexel Institute para 468 h no Pratt Institute; no *Senior*, a variação não foi tão grande: de 132 h no Pratt Institute (que apresentava o maior número de hora no *Junior*) para 330 na Universidade de Illinois. No total de horas dos dois anos, a maior variação ocorreu ainda entre o Pratt Institute (600 h) e o Drexel Institute (240 h).

Em janeiro de 1915, numa reunião geral para avaliação do trabalhos práticos em Biblioteconomia, nos EUA, chegou-se à conclusão que ele é o melhor teste para a aptidão do candidato e constatou-se novamente a ausência de uniformidade quanto ao tempo dedicado ao trabalho prático. A variação era de 120 a 464 horas em um ano e de 400 a 2.559 horas em dois anos escolares. (56: 156-7)

Ao terminar a Primeira Guerra Mundial, a natureza do ensino profissional era prática e não teórico, pois seu objetivo era treinar rapidamente o pessoal para ingresso eficiente na profissão. Como tal, o ensino profissional era independente dos objetivos, métodos e resultados do ensino acadêmico. Não havia paralelo entre a organização do currículo e a organização departamental das bibliotecas, exceto para os cursos de laboratório, onde o aluno era familiarizado com as atividades de cada departamento. (60: 139-46)

Uma proposição inovadora surgiu em 1917, quando Aksel G.S. Josephson sugeriu a adoção do método do seminário como um método de ensino, com ênfase nos aspectos teóricos e históricos e com o mínimo indispensável de trabalho prático. Sua proposta, porém, não foi compartilhada por seus contemporâneos e parece ter sido ignorada por Williamson. Observou Sarah Vann que não há evidência de que Williamson tenha alguma vez se consultado com Josephson ou considerado os méritos de seu novo conceito. (56: 168)

Williamson, no relatório de 1923, observou que todas as escolas de biblioteconomia complementavam suas aulas teóricas levando os alunos a entrarem em contato, de uma maneira ou outra, com alguma fase atual do trabalho nas bibliotecas; evidenciou, porém, a falta de uniformidade nos programas e questionou o valor do trabalho prático, sendo de opinião que um prolongado período de prática de campo (*Field practice*) não era necessário como teste para capacitação do aluno. A habilitação poderia ser dada por meio de exercícios de sala de aula e as chamadas aulas práticas. Quanto a esse ponto, observou ele que as escolas de Biblioteconomia americanas usavam vagamente termos tais como *practice work*, *field work* e *practical work* e que algumas vezes usavam o termo *laboratory work* com a idéia, aparentemente, de colocar o trabalho prático em uma base mais científica e num plano um pouco mais elevado. (61: 53-5)

Outro grande mestre de Biblioteconomia, Ernest J. Reece, em 1936, também considerou a necessidade de um componente prático no ensino da Biblioteconomia. (40)

Em 1946, Danton tabulou doze críticas fundamentais feitas aos programas correntes das escolas de biblioteconomia. A principal falha apontada era a maior preocupa-

ção dos cursos com as técnicas, em detrimento dos aspectos estritamente profissionais e intelectuais da Biblioteconomia. (6)

Goldhor, em 1948, defendia a tese de que a função das escolas de biblioteconomia, no novo mundo complexo é mutável, seria preparar profissionais que fossem capazes de resolver os problemas mediante o uso de princípios gerais, adaptando-se mais eficazmente às novas circunstâncias e não se intimidando com as mudanças que se produzirão sempre durante sua vida profissional. Embora as escolas de biblioteconomia preparassem pessoas capazes de atuar profissionalmente quase que imediatamente após a sua formação, observou ele, esses profissionais se tornariam ineficientes ou se veriam reduzidos aos seus poucos recursos para realizar uma transição eficaz quando houvesse mudança nos detalhes da situação para a qual haviam sido preparados. Por outro lado, o egresso de uma escola que dava mais importância às considerações de ordem teórica, embora não podendo trabalhar com eficiência profissional, conforme a eficácia da prática a que se submetesse no próprio trabalho, poderia estar melhor preparado para manter um grau constante de eficiência profissional ante situação variáveis e para contribuir de uma melhor maneira para a prática e a teoria da profissão. (18)

Em 1949, Danton fez observações a respeito de duas correntes diferentes quanto aos aspectos teóricos ou práticos do ensino da Biblioteconomia. Observou ele que, em muitas escolas da Europa, especialmente na Bélgica, Grã-Bretanha, Noruega e Suíça, dos países latino-americanos e dos Estados Unidos, a preocupação fundamental do ensino se centralizava na prática, excluindo-se virtualmente os aspectos teóricos e gerais: "Os que sustentam o ponto de vista prático afirmam que a Biblioteconomia não tem um corpo geral de conhecimentos e que o futuro bibliotecário pode aprender somente mediante a experiência, seja em uma biblioteca, seja em aulas de laboratório, de referência ou catalogação". (8: 25)

Aqueles que sustentavam o ponto de vista teórico, representados pelas escolas da Tchecoslováquia, França, Itália e, de forma cada vez mais decidida, as dos Estados Unidos, argumentavam que existe um corpo geral de conhecimentos que constitui a Biblioteconomia, e que o futuro bibliotecário estará melhor preparado para o exercício da profissão se compreender as teorias e os princípios gerais que fundamentam matérias tais como administração, seleção de livros e classificação, sendo capaz de aplicá-los em situações concretas. (8: 25)

As *Normas para Escolas de Biblioteconomia*, da Universidade de Antioquia, Medellín, publicadas em 1968, estabeleceram que, em geral, os métodos usados deveriam obrigar o estudante a intenso contato com o conceito e com a técnica. Entretanto, em algumas matérias, a teoria deveria ser substituída pela prática e pelo laboratório. Nas salas e laboratórios de prática se necessitaria de uma quantidade adequada de certas obras, tábuas de classificação, códigos de catalogação, listas de cabeçalhos de assuntos, etc. A coleção dos laboratórios, indispensáveis em todas as escolas, poderia ou não depender da biblioteca da escola. O número máximo de alunos trabalhando no laboratório foi estipulado em dez. Em certas matérias, como, por exemplo, catalogação e classificação, seria necessário uma coleção destinada às aulas práticas com diferentes tipos de livros, diferentes tipos de autores e de vários aspectos dos mesmos tópicos. Se a escola não tivesse acesso a uma boa coleção de obras de consulta e de bibliografias deveria adquirir, para as aulas de referência, exemplares das mesmas. As Normas de Medellín lembraram também a necessidade de espaço destinado a laboratórios. (54: 19, 20, 26, 47-49)

Em 1969, a Escola de Biblioteconomia da Universidade de Michigan enviou questões

nários a 45 escolas de pós-graduação em Biblioteconomia, nos Estados Unidos e no Canadá, sobre trabalho prático. Constatou-se que a maioria recomendava, ou exigia dos candidatos que entravam para a escola sem uma prévia ou adequada experiência em biblioteca, alguns procedimentos ou métodos de aprendizagem que podem ser classificados em cinco categorias: 1) programas de trabalho/estudo extras como complemento das aulas formais; 2) cursos em nível de graduação para complementar o pós-graduação; 3) trabalhos controlados de laboratório (administrado pela escola de biblioteconomia) com observação de procedimentos e trabalhos de rotina; 4) estágios individuais, isto é, estudos especializados programados de acordo com as necessidades do aluno; e 5) ensino que, através do uso de multimeios aperfeiçoados, leva o aluno a um prévio conhecimento dos métodos biblioteconômicos. (20: 337-8)

S. I. Malan, em um pequeno trabalho sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação, publicado em 1972, observou que nos Estados Unidos é dada grande ênfase ao currículo da educação profissional dirigido mais para o *porquê e para quê* do que para o *como*. Na Inglaterra, pelo contrário, é dado maior valor ao trabalho prático em situações de trabalho, sendo que aproximadamente metade do tempo, especialmente em Ciência da Informação, é dedicado a trabalhos práticos. No conjunto, entretanto, observou ela, uma maior harmonia entre teoria e prática é obtida na Inglaterra, enquanto que nos Estados Unidos a tendência é pender para o lado da teoria e da filosofia. (32: 16-7)

No mesmo estudo, Malan observou também as maneiras diferentes de instalação da coleção para trabalhos práticos. Na Escola de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Informação da Universidade de Sheffield, por exemplo, sendo o prédio da escola inadequado, a coleção de laboratório fica na biblioteca central, adjacente, bem instalada e bem administrada. A Escola de Biblioteconomia de Wales, por sua vez, sendo independente da Universidade de Wales, tem sua própria biblioteca em prédio separado, como coleção e pessoal próprios. Na Universidade de Montreal, o ensino de Biblioteconomia utiliza a biblioteca central, porém com coleção própria. (32: 33)

No Encontro Latino-Americano de Diretores de Escolas de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Bogotá, em 1976, foi recomendado que se estabelecessem normas mínimas para a formação de uma coleção básica de Biblioteconomia em cada escola, considerando a possibilidade de formar coleções de laboratório, mediante o estabelecimento de programas cooperativos com bibliotecas e editoras do país e do estrangeiro, para receber exemplares de descarte, e que a OEA estude a possibilidade de desenvolver um programa de produção de materiais.

Em estudo realizado, em 1978, por uma equipe da CAPES, sobre a situação das escolas de biblioteconomia e documentação no Brasil, foi verificado que poucas escolas possuem laboratório montado, e, quanto a estágios, são firmados convênios com o Instituto Nacional do Livro para manutenção de estagiários em bibliotecas públicas e em carros-biblioteca. (14: 38)

Junto com o questionário enviado para a CAPES, para o estudo acima, o Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul enviou um projeto para criação de uma biblioteca-laboratório no Departamento, que fora apresentado à Universidade. (55)

1.3 Teoria dissociada da prática

No ensino da Biblioteconomia, não se pode traçar uma linha nítida entre a teoria e

a prática, entre a educação acadêmica e o treinamento profissional. Não se pode supor a teoria ensinada apenas na sala de aula e nem a prática reservada para o período de estágio do aluno na biblioteca ou para a sua prática profissional.

1.4 Teoria coerente com a prática

O ensino profissional eficiente requer um perfeito equilíbrio entre os conceitos teóricos e sua aplicação. A teoria se torna compreensível através da aplicação prática e cada aplicação prática demonstra uma teoria.

Nesse equilíbrio podem ser distinguidos dois aspectos: a) a teoria aplicada à prática; b) o desenvolvimento da teoria pela experimentação.

Como bem observou Ralph W. Tyler, a teoria dá sentido e unidade ao que de outro modo seriam casos isolados e específicos e, por outro lado, sem a prática, a teoria se torna mera especulação. As realidades da prática, bem como a pura especulação, servem de medida à justeza da teoria, e atendem também aos problemas com que toda teoria tem de enfrentar. (52)

“Há necessidade de se construir, em sua situação de ensino profissional, uma ponte entre a teoria e a prática”, observou John Boll em 1972. (2: 205)

1.5 Laboratório: coerência entre teoria e prática

O laboratório é uma ponte onde se encontram, num vaivém, a teoria e a prática.

Se o aluno passa diretamente da teoria da escola para a prática na biblioteca, ele corre o risco de encontrar a prática muito distanciada da teoria. Por isso, é necessário que ele passe, na escola, por um estágio que reúna teoria e prática, que é o laboratório, para que fundamente bem sua prática na teoria e para que leve a teoria à biblioteca.

A educação profissional exige o ensino de princípios, teorias e filosofias das disciplinas em termos de sua aplicação em circunstâncias simuladas. Essas condições simuladas necessárias podem ser encontradas num bem montado laboratório.

“Uma hábil combinação de teoria e prática pode tornar o ensino da Biblioteconomia mais vibrante e excitante”, escreveu John Boll, e essa combinação se pode fazer no laboratório.

2 TRABALHOS PRÁTICOS

O trabalho prático é uma atividade que permite ao aluno manejar diretamente o material (texto, técnica ou processo) e completar e compreender melhor um conhecimento lido ou ouvido.

Reece classificou o que ele chamou de *work contacts* em seis formas: 1) apresentação em sala de aula, 2) problemas, 3) observação, 4) projetos, 5) trabalho em campo e 6) trabalho de laboratório. (41: 122)

Boll colocou em três níveis o que ele chamou de *controlled work experience*:

1) Nível mais baixo de habilidade e trabalhos que requerem destreza manual, aprendido no suficiente para o aluno ser capaz de supervisionar o pessoal que faz tal trabalho na biblioteca, julgar realisticamente seu desempenho e resolver ele mesmo alguns problemas, tais como preparação da encadernação, circulação, restauração, etc.

2) Alto Nível de trabalho de laboratório que ilustra as teorias da Biblioteconomia

...tal modo que elas se tornem uma parte real do processo de aprendizagem da profissão, por exemplo: criando uma bibliografia para uma situação real, conduzindo uma pesquisa de referência sob orientação, escrevendo um relatório e discutindo-o com o instrutor, etc. Em situações de laboratório controlado, pôdem ser passados filmes para ensinar alguns trabalhos de alto nível.

3) Trabalho nas bibliotecas (estágio). (2: 205)

3 LABORATÓRIO

3.1 Uma comparação

Entre os diversos métodos de ensino, podemos focalizar o laboratório fazendo uma comparação da Biblioteconomia com a Medicina. No Quadro 1 podemos observar que os métodos da exposição teórica, da demonstração, da observação e os trabalhos práticos podem se reunir em uma aula de laboratório, na escola de Biblioteconomia, assim como são dados também na escola de Medicina, em aulas práticas de Anatomia com dissecação de cadáveres e em experiências em laboratório com animais vivos.

O quadro mostra também que, assim como o cirurgião, para exercer a profissão, passa por aulas teóricas, aulas práticas de Anatomia e de experiências com animais e, como estagiário ou médico residente, no hospital, dá assistência ao cirurgião e depois realiza operações assistido por um especialista, o bibliotecário, para desempenhar bem a sua profissão, deve passar por aulas teóricas e por trabalhos de laboratório e, como estagiário em bibliotecas, dar assistência a bibliotecários e depois realizar trabalhos supervisionados.

3.2 Laboratório como método e como local de trabalho

A palavra *laboratório* pode ser empregada no sentido de *trabalho de laboratório*, que pode ser realizado em sala de aula ou em sala própria, e no sentido de local especial para a realização de trabalhos práticos. No Quadro 2 podemos ver, em relação ao local, os métodos menos indicados (*), mas indicados(**) e excelentes(***)

3.3 O trabalho de laboratório

Expressão particular do trabalho prático, o trabalho de laboratório significa a experiência direta no manejo material de formação e de exercício profissional, o que, sob condições controladas de aprendizagem, permite a aquisição tanto da habilidade necessária como de conhecimento teórico. Ele pode proporcionar uma articulação entre teoria e prática tanto em um curso como em um currículo, como observou Morehead (34: 124).

Em alguns casos, o trabalho de laboratório consiste em uma simulação de trabalho atual, como, por exemplo, classificar e catalogar de acordo com vários esquemas, como se faz em um departamento de catalogação. Conforme o caso, ele pode ser liberado das estruturas rígidas de uma metodologia específica e pode ser focalizado no sentido de incentivar a iniciativa e a responsabilidade do aluno.

O trabalho de laboratório envolve mais atividade que passividade e é fundamental para o crescimento e independência de julgamento do aprendiz. A aprendizagem, como lembrou Dewey em 1963, é basicamente um ato individual, um conjunto de acontecimentos que têm lugar inteiramente dentro do aluno (10 61-65)

“Poucos ensinos, escreveu Ricardo Nassif, a não ser os puramente científico-naturais, estão em condições de aplicar o trabalho de laboratório tão bem como o ensino da Biblioteconomia, no qual os alunos podem, por exemplo, proceder diretamente à catalogação, classificação e à pesquisa bibliográfica.” (37: 56)

3.4 Locais de trabalho de laboratório

Menos indicados (*):

1) Sala de aula — Na sala de aula o trabalho de laboratório costuma ser feito com material emprestado pela biblioteca ou com material da escola, de doação ou descarte.

Inconveniência: o material, menos usado, de menor interesse, ultrapassado ou incompleto, limita consideravelmente a pesquisa.

2) Biblioteca — A biblioteca costuma ser usada para trabalhos de laboratório, em horários especiais ou durante o seu funcionamento normal, sendo que o horário especial é difícil de ser conseguido.

Inconveniências:

a) não há na biblioteca uma coleção experimental e os alunos têm de se contentar com livros e outros materiais, segundo as disponibilidades do momento;

b) a aula prática, que deve ser acompanhada de uma pequena exposição teórica, que, forçosamente, provoca movimento, perturba o funcionamento da biblioteca e atrapalha os leitores.

Mais indicados (**):

3) Laboratório — O laboratório é uma sala ou espaço especial da escola, generosamente equipado com mesas e uma coleção de materiais de biblioteca, instrumentos de trabalho — esquemas de classificação, códigos, bibliografias, obras de referência, meios audiovisuais, etc. —, onde os alunos podem trabalhar em projetos práticos, às vezes com a supervisão do instrutor ou do professor, às vezes sozinhos.

Crítica que se costuma fazer: o laboratório não reflete suficientemente as atuais condições da prática profissional.

Excelente (***):

4) Biblioteca-laboratório — A biblioteca-laboratório consiste em um laboratório bem articulado e bem equipado, que simula uma biblioteca em todos ou quase todos os seus departamentos, refletindo o contexto organizacional e funcional no qual a Biblioteconomia é praticada. As técnicas para sua implementação no currículo podem variar, mas sua estrutura conceitual é sempre a mesma.

Vantagem: a biblioteca-laboratório simula uma variedade de problemas bibliotecários, arranjados com trocas e combinações aproximadas o mais possível da realidade, compatibilizando-se com os objetivos da educação liberal e com o ensino teórico.

4 BIBLIOTECA-LABORATÓRIO

4.1 Finalidade e objetivos gerais

Os objetivos educacionais devem ter prioridade, porém com total compromisso com a realidade. São os seguintes os objetivos gerais da biblioteca-laboratório:

1) Aperfeiçoar o pessoal docente e, principalmente, o pessoal discente, visando a ampliação das condições didáticas e a melhoria do nível de formação profissional dos alunos (ao realizarem o estágio profissional, seu trabalho será amenizado e mais proveitoso com a aplicação dos conhecimentos adquiridos nas aulas de laboratório).

2) Possibilitar ao aluno um amplo contato, vivência e aprendizado no seu campo específico de trabalho.

3) Possibilitar pesquisas sobre a eficiência de novas técnicas.

4) Possibilitar uma perfeita e desejável integração entre as diversas disciplinas profissionalizantes.

4.2 Objetivos específicos e metodologia das disciplinas

4.2.1 Organização e Administração de Bibliotecas

a) aplicação prática da teoria da Administração à organização bibliotecária;

b) orientação das técnicas e rotinas de seleção, registro, preparo para circulação e conservação dos materiais bibliográficos e especiais;

c) organização dos departamentos funcionais, em sincronização com as demais atividades de uma biblioteca.

4.2.2 Seleção

a) avaliação, pelos alunos, de uma coleção de obras de matérias diferentes e para diferentes idades e objetivos.

Josefa Sabor aconselhou a inclusão, para avaliação, de obras de publicação recente, que não tenham aparecido em repertórios críticos, com o fim de estimular a crítica independente dos alunos.

4.3.2 Classificação

a) aplicação prática da teoria da Classificação;

b) orientação na leitura técnica do livro para determinação do assunto;

c) orientação na determinação dos termos representantes do assunto;

d) determinação de Cutter.

4.2.4 Catalogação

a) aplicação prática da teoria da Catalogação;

b) orientação na leitura técnica do livro, na pesquisa de nome certo, na elaboração das fichas, na distribuição das fichas nos respectivos fichários, marcação dos livros e outros materiais bibliográficos, na distribuição dos livros e outros materiais bibliográficos nos seus respectivos armazenamentos.

A disciplina de Catalogação deve ser entrosada com a de Classificação e Organização e Administração de Bibliotecas e visa dar ao aluno uma visão global do trabalho com o livro, desde o momento de sua aquisição, até ser entregue ao público. (55:3)

Sobre ao trabalho de laboratório de catalogação e classificação, escreveu Danton em 1949:

“Se o estudante tem de aprender a catalogar e classificar um livro, não lhe será suficiente ler ou ser informado pelo professor acerca de como se há de fazê-lo; deve catalogar e classificar livros por si mesmo. Em uma aula de laboratório dedicada à catalogação e classificação, conseqüentemente se dará aos estudantes um grupo de livros que apresentem distintos problemas, seja referentes ao cabeçalho de autor, seja à descrição ou à determinação do assunto. Os problemas sobre os quais se vai realizar o exercício são tratados geralmente em explanações prévias; na aula de laboratório, o aluno realiza o processo completo, com a orientação do instrutor, dos livros que lhe forem designados.” (8: 29)

Nos países em desenvolvimento, os livros e outros materiais costumam, às vezes, ser substituídos por listas, permitindo prescindir em boa parte do laboratório. Isso, porém, só pode ser feito em casos determinados, pois os materiais são insubstituíveis. Por exemplo, em um curso de catalogação pode-se fazer trabalhos práticos com listas para identificação de autores e para uso das normas de autores pessoais e autores coletivos. Em classificação, elas podem ser usadas nas aulas iniciais sobre cabeçalhos de assunto e classificações sistemáticas. Nas aulas de iniciação, uma lista ligeira de referências e de chamadas pode evitar confusões, apresentando um panorama menos complexo. As listas, porém, devem ser substituídas rapidamente pelos próprios materiais, para evitar um trabalho artificial. O uso de listas é mais difícil e oferece mais perigo em classificação do que em catalogação. (44: 96-7)

Sabor, ao tratar da metodologia de uma aula sobre o tema “identificação de autores”, observou que é indispensável que haja muita coordenação entre o professor da matéria e os ajudantes de trabalhos práticos, a fim de evitar uma discrepância entre teoria e prática, e que se deve, o mais possível, fazer as práticas imediatamente após as aulas teóricas. Para isso, é necessário que os ajudantes de trabalhos práticos submetam à consideração do professor um plano e que todos estejam de acordo quanto às normas acerca dos formulários, planos, etc., a maneira de corrigir e qualificar os trabalhos, estilo e prazo de entrega por parte dos alunos. É necessário que os ajudantes de trabalhos práticos, ao iniciar a aula, expliquem brevemente o tipo de tarefa que se vai realizar, e que os problemas a serem resolvidos sejam selecionados de tal maneira que apresentem uma ordem gradual ou crescente de dificuldades. (44-129)

Considerando-se que a escola conta com um laboratório bem equipado e organizado, Sabor apreentou o seguinte plano de aula prática sobre identificação de autores:

1ª aula – Confeccionar a ficha de identidade de um autor pessoal, indicando nela as fontes consultadas e as referências necessárias. Confeccionar uma ficha de identidade para um colaborador pessoal. O ajudante proporcionará os repertórios necessários e estabelecerá a quantidade de fichas que deve preencher o aluno. Nesta primeira aula, convém que os autores escolhidos sejam originários do país onde se trabalha.

2ª aula – Preparar fichas de identidade de autores pessoais principais e secundários de diversas nacionalidades, indicando as fontes e as referências necessárias. Fazer as fichas de referência para cada um deles. O ajudante proporcionará os repertórios adequados, de maneira que o autor que deve ser identificado figure com o nome escrito de diversas maneiras e com datas de nascimento ou morte diferentes.

3ª aula – Fazer a ficha de uma obra anônima, cujo autor, porém, possa ser determinado. O ajudante de trabalho prático proporcionará os repertórios adequados e dará como exemplo um caso de trabalho coletivo que se empreenderá sob sua direção. (44-130)

2.5 Bibliografia e Referência

- a) elaboração de bibliografias, segundo as determinações da NB-66 (no Brasil);
- b) levantamento e uso de fontes bibliográficas gerais e especializadas;
- c) planejamento, organização e execução de serviços de referência. (55: 2)

Um laboratório deve oferecer a possibilidade de uso simultâneo de várias obras de referência, que permitam a busca por caminhos diferentes de uma solução não necessariamente predeterminada.

Danton, em 1949, sugeria que se desse ao estudante, depois de uma explicação sobre métodos e materiais, uma série de perguntas bibliográficas e de referência, para que encontrasse as respostas. O aluno que por si mesmo realiza os distintos processos, e revisa as fontes em busca da resposta apropriada, aprende mais em umas horas que em vários dias de exposição, nas quais se lhe ensina somente que obras de referência e bibliografia existem, como usá-las, e com que propósitos. (8 : 29)

Com a finalidade de determinar a extensão em que os cursos de referência convém ter uma abordagem prática, foram enviados, em 1971, questionários a 44 escolas de biblioteconomia credenciadas pela ALA. Foram as seguintes as perguntas feitas e as respostas dadas por 43 escolas:

a) Se havia algum curso de referência com um laboratório regularmente planejado, no qual os estudantes recebiam questões simples para serem respondidas a partir de uma coleção de referência especialmente colocada à parte para uso no laboratório.

Respostas:

Sim - 1

Não - 40

Laboratório planejado, mas não a coleção de referência do laboratório separada: 2

b) Se havia algum curso de referência que requeria dos alunos a maior parte de seu tempo de preparação respondendo questões simples a partir de alguma coleção de referência.

Respostas:

Sim - 13

Não - 27

Indefinidas - 3 (21: 231)

Na Universidade de Columbia, em 1971, o método de pesquisa dirigida ou problema era usado em combinação com uma coleção de referência de laboratório. No 1º semestre era dada mais ênfase aos tipos de bibliografia. No 2º semestre o objetivo era levar os estudantes a experiências planejadas e orientadas para encontrar as questões de referência, o que era feito na própria coleção de referência da biblioteca da escola, atualizada, e contendo perto de 5.000 volumes. Com tal coleção, o instrutor podia adaptar as questões de modo a promover o uso exatamente das fontes que ele desejava e podia antecipar as experiências através das quais os alunos iriam tentar encontrar as respostas. (21: 236-7)

4.2.6 Documentação

a) aplicação prática das normas brasileiras para documentação, da ABNT (no Brasil);

b) organização de arquivos de diversos tipos de documentos, utilizando os diferentes sistemas e processos de arquivamento;

c) aplicação das técnicas de análise e recuperação de documentos, visando ao treinamento na elaboração de planos de sistemas de armazenagem e recuperação de informações, bem como sua implantação;

d) aplicação das técnicas de reprodução de documentos;

e) aplicação prática da teoria de organização de centros de documentação, serviços de informação e bancos de dados. (55: 3)

Como exemplo, temos as experiências práticas relativas à operação de um sistema de recuperação da informação, descrita por Rees & Saracevic em 1965, que se resume nos seguintes pontos:

a) ênfase sobre a ilustração de princípios teóricos baseados na prática;

b) análise das partes componentes de um sistema total, tais como indexação, organização de arquivos, estratégia de pesquisa, etc.;

c) indexação, realizada por cada aluno, de um número de documentos utilizando diversas linguagens de indexação;

d) análise e tabulação de resultados de pesquisas, que são depois relatados para componentes de sistemas.

4.3 Instalação

O Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresentou um projeto para criação de uma biblioteca-laboratório, prevendo sua instalação em uma sala de 35m².

Além do material de consumo habitual em uma biblioteca, tais como livros de registro, fichas, livros, periódicos, folhetos, mapas, microfilmes, diapositivos, etc., o projeto relacionou o seguinte material permanente:

Máquinas de escrever (10)

Mesas para máquinas de escrever (10)

Mesas retangulares, de trabalho (10)

Cadeiras sem braços (20)

Balcão de empréstimo (1)

Estantes para coleção de livros, folhetos e outros materiais em preparo (3)

Estante para arranjo de materiais já preparados (1)

Estante para jornais (1)

Vitrina para exposição de livros (1)

Fichários verticais (3)

Fichário com 10 gavetas para fichas (3)

Arquivos verticais (2): um para arquivar expedientes administrativos e um para materiais especiais

Arquivo horizontal - kardex (1)

Mapoteca (1)

Quadro de avisos (1)

Armário para almoxarifado (1)

Minigraph (1)

Máquinas para reprodução de documentos (1)

Microfilmadoras (2): planetárias e rotativa

Leitores de microfilmes (2)

Máquina perfuradora (1)

- Máquina de somar (1)
- Caixas para folhetos (10)
- Bibliocantos (40 pares)
- Escada de metal (1)
- Máquina de apontar lápis (1)
- Perfuradores de papel (5)
- Grampeadores (5)
- Tesouras (5)
- Cestos para papéis (10)
- Códigos, Dicionários, Enciclopédias, Livros.

CONCLUSÃO

A teoria não pode ser ensinada apenas na sala de aula e nem a prática reservada para o período de estágio do aluno na biblioteca ou para sua prática profissional. Se o aluno passa da teoria dada na escola diretamente para a prática na biblioteca, ele vai sentir uma discrepância, a prática muito distanciada da teoria. Por isso, é necessário que ele passe, na escola, por um estágio de trabalho no laboratório, que é uma ponte onde se encontram, num vaivém, a teoria e a prática. Dessa maneira, ele fundamenta bem sua prática na teoria e leva a teoria à biblioteca.

O local ideal para a aprendizagem através de trabalhos práticos é em uma biblioteca-laboratório bem articulada e bem equipada, que simule uma biblioteca em todos ou quase todos os seus departamentos, refletindo o contexto organizacional e funcional no qual a Biblioteconomia é praticada.

A criação de uma biblioteca-laboratório envolve um grande investimento em tempo e dinheiro, mas proporciona um controle experimental bem melhor e uma aprendizagem compatível com os objetivos da educação liberal e com o ensino teórico.

Theoretical and practical discussion of the laboratory concept applied to library science. It analyses the necessary conditions based on specific aims and teaching methodology.

6 BIBLIOGRAFIA

- (1) "ALA Proc." *LJ* 23: 63-6, Aug. 1898. (Cit. por White, C.M.. *A historical ...*, p. 97)
- (2) BOLL, John. A basis for library education. *The Library Quarterly*, 42 (2): 195-211, Apr. 1972.
- (3) BOWDEN, Ann. Training for rare book librarianship. *Journal of Education for Librarianship* 12 (4): 223-31, Spring 197.
- (4) BRAMLEY, Gerald. *A history of library education*. London. Clive Bingley, 1969.
- (5) ————. *World trends in library education*. London, (c1975).
- (6) DANTON, J. Periam. *Education for librarianship: criticism, dilemmas and proposals*. New York, Columbia University School of Library Service, 1946.
- (7) ————. *Education for librarianship*. Paris, Unesco, 1949. (Unesco Public Library Manuals, 1).
- (8) ————. La formación profesional del bibliotecario. Unesco, 1950. (Manuales de la Unesco para las Bibliotecas Públicas, 1).
- (9) DEAN, John. *Planning library education programmes: a study of the problems in the management and operation of library schools in the developing countries*. (London). Andre Deutsch, (c1972).
- (10) DEWEY, John. *Experience and education*. New York, Collier Books, 1963.
- (11) DUBIN, R. & TAVEGGIA, T. C. *The teaching-learning paradox: a comprehensive analysis of college teaching methods*. Eugene, Oregon, Center for the Advanced Study of Education Administration, University of Oregon, 1968.
- (12) DUNKIN, Paul. Good teaching methods in library school instruction. In: BONE, ed. *Library education: an international survey*. Urbana, Illinois, University of Illinois Graduate School of Library Science, 1968.
- (13) *Encuentro Latinoamericano de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Documentación*, Bogotá, noviembre 22-26 de 1976. *Informe final*. Bogotá, Institute Colombiano para el Fomento de la Educación Superior, 1977.
- (14) FIGUEIREDO, Nice, ed. *O ensino da biblioteconomia no Brasil: relatório de equipe de pesquisa sobre o status quo das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente*. Brasília, CAPES, 1978. v.1.
- (15) FOSKETT, D. Estudio sobre los programas de formación em informática y en bibliotecología. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas*, 29(1): 25-35, ene./feb. 1975.
- (16) FRAREY, C. J. Implication of present trends in technical services for library instruction. *Journal of Education for Librarianship*, 2(3): 132-43, Winter 1962.
- (17) GAGNE, R. M. *The conditions of learning*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1965.
- (18) GOLDHOR, Herbert. Some thoughts on the curriculum of library schools. *School and Society*, 67: 434-5, 12 June 1948.
- (19) GOLDSTEIN, Harold, ed. *Library school teaching methods: evaluation of students*. Urbana, University of Illinois, 1967.
- (20) CROTZINGER, Laurel. The status of "practicum" in graduate library schools. *Journal of Education for Librarianship*, 11(4): 332-9, Spring 1971.
- (21) GWINUP, Thomas. The reference course: theory, method, and motivation. *Journal of Education for Librarianship*, 11(3): 231-42, Winter, 1971.
- (22) HARLOW, Neal. Designs on the curriculum. In: GOLDHOR, Herbert, ed. *Education for librarianship the design of the curriculum of library schools*. Urbana, University of Illinois, Graduate School of Library Science, 1970.
- (23) HARRIS, K. C. *Reference service today and tomorrow*. objetives, practices, needs and trends. p. 175-97. (Cit. por Sabor. *Métodos ...*, p. 98)
- (24) KIEWITT, Eva L. Reference collections of accredited library school programs. *Journal of Education for Librarianship*, 19(1): 55-9, Summer, 1978.
- (25) KINGSBURY, Mary E. Education for school librarianship: expectation vs. reality. *Journal of Education for Librarianship*, 15(4): 251-7, Spring 1975.
- (26) KNAUTH, Patricia B. *The library-centered library school*. State University of New York at Albany. Conference on the Bibliographic Control of Library Science Literature. 19-20. 1968. (22 p. mimeogr.) (Cit. por Morehead. *The theory and practice ...*, p. 126-7)

- 27) -----, The meaning of the monteith college library education. *Journal of Education for Librarianship*, 6: 11727, Fall 1965.
- 28) LAWSON, Barry R. An educational simulation model of public library service. *Journal of Education for Librarianship*, 14(2): 96-106, Fall 1973.
- 29) LEIGH, Robert D., ed. *Major problems in the education of librarians*. New York, Columbia University Press, 1954. (Cit. por Rothstein, *A forgotten. . .*, 197)
- 30) LUBETZKY, S. On the teaching on cataloguing. *Journal of Cataloguing and Classification*, 12: 130-2, 1956.
- 31) LYNCH, Mary Jo & WHITBECK, George W. Work experience and observation in a general reference course - more on "theory vs. practice". *Journal of Education for Librarianship*, 15(4) : 271-80, Spring 1975.
- 32) MALAN, S. I. *Some issues in the training of librarians and information workers*. Pretoria, University of South Africa, 1972.
- 33) McKEACHIE, W. J. Research on teaching at the college and university level. In: GAGE, N. L., ed. *Handbook of research on teaching*. Chicago, Rand McNally, 1963.
- 34) MOREHEAD, Joe. The theory and practice problem and library-centered library education. *Journal of Education for Librarianship*, 14(2) : 119-28, Fall 1973.
- 35) METCALF, Keyes D. et al. *The Program of instruction in library schools*. Urbana, Illinois University of Illinois Press, 1943. (Cit. por Rothstein, S., *A forgotten. . .*, p. 197)
- 36) MUNN, R. *Conditions and trends in education for librarianship*. New York, Carnegie Corporation of New York, 1936. (Cit. por Sabor, *Métodos. . .*, p. 129)
- 37) NASSIF, Ricardo. Fundamentos de pedagogía y metodología: estudio preliminar para una pedagogía bibliotecológica. In: SABOR, J. E. *Métodos de enseñanza de la bibliotecología*. Paris, Unesco, 1968. p. 15-62. (Manuales de la Unesco para las Bibliotecas, 16).
- 38) NEW YORK State Library, Albany. *Bulletin: library school, no 1*. Handbook, 1891-92. Aug. 1891. p. 30-42. (Cit. por White, C. M., *A histocial. . .* p. 64)
- 39) RATHBUN, Loyd. Library education for the future: the special library. In: BOAZ, Martha, ed. *Toward the improvement of library education*. Littleton, Colo., Libraries Unlimited, 1973. p. 84-106.
- 40) REECE, Ernest J. Work-contacts for library-school students. *Library Quarterly*. 3: 172, Apr. 1933.
- 41) -----, *The curriculum in library school*. New York, Columbia University Press, 1936. (Cit. por Morehead, *The theory. . .*, p. 120)
- 42) REES, Alan M. & SARACEVIC, Tefko. Teaching documentation at Western Reserve University. *Journal of Education for Librarianship*. 6 (1) : 8-13, Summer 1965.
- 43) ROTHSTEIN, Samuel. A forgotten issue: practice work in american library education. In: BONE, Larry Earl, ed. *Library education: an international survey*. University of Illinois Graduate School of Library Science, (c1968). p. 197-222.
- 44) SABOR, Josefa E. *Métodos de enseñanza de la bibliotecología; con un estudio preliminar de Ricardo Nassif*. Paris, Unesco, 1968. (Manuales de la Unesco para las Bibliotecas, 16).
- 45) SHERA, J. H. Theory and teaching in library education. *Library Journal*, 85: 1936, May 1, 1960.
- 46) SHORES, L. We who teach reference. *Journal of Education for Librarianship*, 5(4): 238-47, 1965.
- 47) SINCLAIR, Dorothy. The preparation of tomorrow's public librarian: some propositions, principles, and proposals. In: BOAZ, Martha, ed. *Toward the improvement of library education*. Littleton, Colo., Libraries Unlimited, 1973. p. 68-83.
- 48) STEVENS, Rolland E. Instruction on microforms: its place in the library school. *Journal of Education for Librarianship*, 6 (2): 133-6, Fall 1965.
- 49) STROUT, R. F. Cataloguing in the GLS curriculum. *Journal of Cataloguing and Classification*, 12: 123-9, 1956. (Cit. por Sabor, *Métodos. . .* p. 97)
- 50) TAUBER, M. F. Teaching of cataloguing. *Journal of Cataloguing and Classification*, 12: 130-2, 1956. (Cit. por Sabor, *Métodos. . .*, p. 97)
- 51) TEACHING and practice reference service. *Journal of Education for Librarianship*, 3: 171-87, 212, 238-9, 1963.
- 52) TYLER, Ralph W. Professional education in other fields: contributions to education for librarianship. In: BERELSON, Bernard, ed. *Education for librarianship*. Chicago, American Library Association, 1949. (Cit. por Danton, *La formación. . .*, p. 26)

- (53) US Bureaus of Education. *Public libraries in the United States of America: their history, conditions and management* (Special Report, Part 1). Washington, D.C, Government Printing Office, 1876. (Cit. por Rothstein, S., *A forgotten. . .*, p. 200)
- (54) UNIVERSIDAD de Antioquía. Escuela Interamericana de Bibliotecología. *Normas para escuelas de bibliotecología: informe de las mesas de estudio de la preparación de los bibliotecários en la America Latina*. Medellín, Colombia, Editorial Universidad Antioquía, 1968
- (55) UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. Fac. de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Biblioteconomia e Documentação. *Projeto: criação de biblioteca-laboratório*. s.d. 8 f. datil.
- (56) VANN, Sarah K. *Training for librarianship before 1923*. Chicago, ALA, 1961. (Cit. por Rothstein, S., *A forgotten. . .*, p. 200)
- (57) VAN DEUSEN, Neil C. Field work in accredited library school. *College ? Research Libraries*, 7: 249-255, July 1946. (Cit. por Tothstein, S., *A forgotten. . .*, p. 197)
- (58) WALLEN, N. E. & TRAVERS, R. M. W. Analysis and investigation of teaching methods. In: GAGE, N. L., ed. *Handbook of research on teaching*. Chicago, Rand McNally, 1963.
- (59) WHEELER, Joseph L. *Progress and problems in educatin for librarianship*. New York, Carnegie Coroporation of New York, 1946. (Cit. por Sabor, *Métodos. . .*, p. 17)
- (60) WHITE, Carl M. *A historical introduction to library education: problems and progress to 1951*. Metuchen, NJ, The Scarecrow Press, 1976.
- (61) WILLIAMSON, Charles C. *Training for library services: a report prepared for the Carnegie Corporation of New York*. New York, Boston, D.B. Updike, The Merrymount Press, 1923.
- (62) ZACHERT, Martha Jane K. The library administration course: simulation as a technique. *Journal of Education for Librarianship*, 11(3): 243-50, Winter 1971.

(Manuscrito recebido em maio de 1980).

Quadro 1

MÉTODOS DE APRENDIZAGEM →	Exposição teórica Perguntas Conservação Discussão Comunicados Conferências Seminários	Exposição teórica Demonstração Observação trabalhos práticos	Demonstração Observação Trabalhos práticos	Trabalhos práticos
PROFISSÃO ↓				
Bibliotecário	Aulas teóricas de Biblioteconomia	Laboratório (na escola)	Assistência a bibliotecários (como estagiário biblioteca)	Trabalho supervisionado (como estagiário na biblioteca)
Cirurgião	Aulas teóricas de Medicina	Dissecação de cadáveres Experiências em laboratório com animais vivos (na escola)	Assistência ao cirurgião (como estagiário no hospital)	Operação assistida por um cirurgião (como estagiário no hospital)

Quadro 2

LOCAIS	ESCOLA		BIBLIOTECA		
	Salas de aula	Laboratório -laboratório mecânicos	Biblioteca- de equipamen- tos	Laboratório	(estágio)
MÉTODOS					
Exposição teórica	***	**	**	*	
Problemas	*	**	***	*	
Simulação	*	**	***	*	
Trabalho de laboratório	*	**	***		
Tecnologia mecanizada				***	
Observação		*	**	**	***
Trabalho de campo					***